

Um discípulo da imprecisão

LINA DE ALBUQUERQUE

No verão de 1970, com 21 anos e recém-formado em literatura e artes pela Universidade de Massachusetts, nos Estados Unidos, Peter Mudd deparou pela primeira vez com um estudo do psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875-1961). Um pequeno comentário de Jung na introdução do Livro Tibetano dos Mortos, uma verdadeira bíblia do misticismo do Tibete, teve o condão de mudar a sua

vida. Poucos anos mais tarde, Mudd entrava para o Instituto Jungiano de Chicago, dos mais renomados do mundo, onde era apontado pelos professores como um dos mais brilhantes estudiosos da obra do psiquiatra que rompeu com Freud. "Procurei o instituto porque queria me entender", admite hoje Mudd.

No entanto, a sua viagem o levou para bem mais longe. Casado, dois filhos, ele é atualmente diretor de ensino

do programa de treinamento para analistas do mesmo instituto e editor de um index anual que contém resumos de todos artigos internacionais publicados sobre psicologia analítica, o ramo da psicanálise desenvolvido pelos seguidores de Jung. "Ele é uma enciclopédia", elogia o psicoterapeuta Carlos Byington, fundador da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, entidade que convidou Mudd a participar em São Paulo, na

terça e quarta-feira, de duas conferências sobre a morte e o conceito de *anima* (a feminilidade existente no psiquismo do homem).

No começo da tarde de ontem, num dos intervalos da reunião com os integrantes paulistas da Sociedade Brasileira, Mudd falou ao Estado na sede da entidade, na rua do Livramento. O analista, que nunca estivera antes na América do Sul, embarca hoje para o Rio de Janeiro e retorna a Chicago no domingo.

Alguns ortodoxos têm me criticado

Estado — Quais os caminhos atualmente percorridos pelos seguidores de Jung?

Mudd — Basicamente, três. O primeiro deles está mais preocupado com as experiências pessoais, principalmente a da infância, do nascimento e mesmo antes dele. Trata-se do pensamento "desenvolvimentista", uma linha que considera essas fases como pilares básicos da construção da personalidade. Eu sigo por aí. Já na trilha oposta está a escola arquetípica ou simbólica, que dá pouca importância à história do indivíduo e procura, de certa forma, reduzir a importância do ego para melhor captar o imaginário. O analista americano James Hillman é um dos seus mais notáveis expoentes atuais. Há ainda uma orientação mais ortodoxa, a junguiana clássica, intermediária entre essas duas tendências.

"Acredito em premonição, mas não como uma fonte de previsão com autoridade absoluta"

Estado — O que o levou a ficar com a primeira?

Mudd — A minha experiência clínica, que sempre conciliei com a carreira universitária. Prefiro trabalhar mais próximo da realidade a ficar apenas ruminando estruturas que explicam conceitos da vida. Por outro lado, creio que todos os conceitos e precisam ser trabalhados constantemente para se aperfeiçoarem. Muitos junguianos ortodoxos têm me criticado pelo fato de eu apontar algumas limitações de Jung e até sugerir revisões, em minhas conferências.

Estado — E qual seria a principal limitação de Jung?

Mudd — Curiosamente, é o seu aspecto mais fascinante: a falta de precisão em algumas formulações, como por exemplo, o conceito de "sombra" (o lado escuro onde moram em nós todas as coisas que nos desagradam ou nos assustam). Jung é brilhante, lúcido, mas muitas de suas idéias são vagas e, justamente por isso, inspiram imaginação. Às vezes, abandonamos a sua leitura frustrados, porque não obtivemos uma clareza matemática. Isso é péssimo, mas é também ótimo.

Estado — Você tem percebido uma exaltação do misticismo na cultura ocidental?

Mudd — Nitidamente. Vivemos numa sociedade materialista que valoriza o dinheiro, status, mas deixa um pedaço da alma não atendido. O misticismo então emerge para preencher essa lacuna.

Estado — A eficácia da psicologia analítica é questionada por causa das inúmeras experiências místicas de Jung, como o tarot e o I Ching. O abuso da utilização de métodos não científicos por alguns analistas não compromete a imagem da escola junguiana?

Mudd — O maior problema do emprego desses métodos considerados místicos é a sua ex-



O analista Peter Mudd, 40 anos: representante brilhante da nova geração junguiana

cessiva generalização. Mas a intenção dos analistas mais sérios não é valer-se deles para prever o futuro, mas sim compreender o teor simbólico da vida. Eu particularmente não uso tais técnicas com meus pacientes. É uma questão de estilo. Em contrapartida gosto de vez ou outra jogar I Ching comigo mesmo.

Estado — Você acredita em premonição?

Mudd — Sim, mas nunca como uma fonte de previsão de autoridade absoluta. Jung estava certo quando disse que a vida psíquica manifesta-se independentemente do tempo e do espaço. Ele criou a teoria da sincronicidade, que estabelece relações entre as coincidências significativas da alma humana com os acontecimentos externos.

Estado — Recentemente as Faculdades Metropolitanas Unidas (FMU) de São Paulo provocaram muita polêmica ao sugerir que a astrologia fosse introduzida no currículo do curso superior de Psicologia. Qual é o seu ponto de vista sobre a questão?

Mudd — Não vejo problema algum, desde que a astrologia

seja ensinada sob uma perspectiva simbólica e não como uma técnica adivinhatória.

Estado — A morte foi um dos temas das suas palestras no Brasil. Você considera o medo da morte mais evidente na sociedade ocidental que na oriental?

Mudd — Sem dúvida. O espírito americano, principalmente, é obcecado pela juventude, enquanto que os chineses e alguns outros povos orientais parecem intuir que na segun-

"A fantasia narcisista da imortalidade gera opressão entre os povos e fomenta armas nucleares"

da metade da vida podem aprimorar o seu self (o centro ou ordenador da identidade) que Jung acreditava estar no âmago do inconsciente coletivo, os componentes psicológicos comuns a todos os grupos humanos. Na primeira metade da vida, o homem se dedica a perseguir o seu lugar no mundo e não está completamente equilibrado. No entanto, a morte me fascina porque

se manifesta diversas vezes na vida, desde o nascimento. É sempre uma experiência propulsora, catártica e contínua. A fantasia narcisista da imortalidade gera opressões entre os povos e fomenta a construção de armas nucleares. O psicótico não tolera a morte; quer controlar tudo, como um deus onipotente e imortal.

Estado — Num outro tópico de sua palestra, você abordou a *anima* de Jung. Qual a importância da "porção feminina" do psiquista de Zurique nas suas descobertas?

Mudd — Na sua autobiografia Jung afirmou que as pacientes foram responsáveis pelas suas mais frutíferas revelações. Talvez de fato tenha sido assim. Mas o seu fascínio pelas mulheres também o fez imaginar algumas bobagens. Uma ocasião, ele disse que; mesmo se não existisse nenhuma mulher no mundo, o homem saberia deduzir uma imagem feminina, por causa do seu componente *anima*. Ora, achar que uma mulher pode ser construída a partir da psicologia masculina é alimentar outra versão infeliz da velha teoria da costela de Adão.